

# PREGÃO ACADÉMICO

da Festa de SÃO NICOLAU,  
dos Estudantes do Liceu Nacional de Guimarães

recitado pelo aluno do 5.º ano

JOSÉ MANUEL DA VEIGA DE CASTRO FERREIRA

no dia 5 de Dezembro deste Ano do Senhor de MCMLI

*Homenagem ao Mestre Querido,  
José de Pina*



## T A L E N T O E B O N D A D E

*Quando o via passar, pelas ruas de cidade,  
Direito ao seu Liceu, de requintado ensino,  
Numa cruzada santa em prol da Mocidade  
Quisera ir à lição, voltar a ser menino.*

*Quisera ouvir de novo, em doce alacridade,  
Na voz do professor, carácter diamantino,  
Conselhos paternais, em provas de bondade,  
O seu talento haurir, moldado em gosto fino.*

*Meu Patriarca e Mestre e carinhoso Amigo,  
Deixa-me recordar, ao conversar contigo,  
Esse tempo feliz e alegre doutras eras...*

*Que a todos seja exemplo o afã da tua vida,  
Em décadas de luta, em prol da Urbe qu'rida,  
A' qual engenho e amor deras, se mais houveras.*

M. S.



José Manuel da Veiga de Castro Ferreira

Recitador do «Pregão Académico»

1951

## PREGÃO ACADÉMICO

DOM PANDILHA NERIÚ,  
VASSALO DE BRAMA E BUDA,  
SENHOR DOS VASTOS DOMÍNIOS DE CAZMIRA,  
FANFARRONA, PANGAIO, TURBANTE E TANGA,  
FAÇO SABER QUE, POR ORDEM DE MAFOMA,  
DAQUI NÃO SAIO... DAQUI NINGUÉM ME TIRA...

E

*Este ano ainda e sempre as Festas vão por diante,  
No mesmo ritmo são de riso e d'alegria,  
Visto que não morreu o último estudante  
E pulsa o coração da Velha Academia!*

\*

E, porque assim foi sempre e assim terá que ser,  
A Festa tem o dom de nunca mais morrer...

De novo volto à liça, à voz da *Tradição*,  
Sempre coa mesma fé... coa mesma devoção...  
Vem revelar-me, ó *Musa*, a chama desse arcano  
Que deu 'splendor e brilho ao *Estro Brauleano*!  
E assim cantando a *Festa*, eu comporei um hino  
Que brilhe pelo cunho *austero*... *Nicolino*!...

\*

Aquele que disser que a Festa é *velha e relha*,  
*Estulta, démodée, banal, sensaborona*,  
Levai-o ao *Chafariz do Carmo*, pela orelha  
E ali *limpai-lhe* bem o *cebo* com *tapona*...

Dizei-lhe que vai longe o tempo, sem ter eco,  
Em que ditava leis um simples *badameco*...  
O intruso lembrar-se-á que o *Estatuto* diz:  
«*Não meterá quemquer na Festa* — o nariz!...

Ó Velhos, vibra em vós, em laivos de talento,  
O antigo amor à Festa! A' Festa dai alento!

\*

Qual tímida gazela, irrequieta e incauta,  
Deixando-se embalar ao som da *avena*, a *frauta*  
De acordes campesís de sonho e de magia,  
Com *Faunos* a cantar, do *anoitecer ao dia*...  
Levada como *anjinho*, *ingénua menina*,  
Sem conhecer do mundo a sanha que amofina...  
*Minerva* foi um dia, em tempos que lá vão,  
O carinhoso enlevo, o sonho tentador  
Dum cínico *Romeu*, por fim feito raptor...  
E a *Julieta* foi nos braços do ladrão...  
E porque não havia então a *Judiciária*,  
Lá vítima ficou da sua *mente vária*...  
Sem *ela*, a Festa teve *assomos de agonia*,  
Mas... eis logo voltou a ver a *luz do dia*!...

\*

O' nossa Mãe plo amor, ó *Mãe dos Estudantes*,  
Pra sempre viverás em nós, *Senhora Aninhas*!  
Circundem-TE, no Céu, estrelas cintilantes,  
Pois mesmo lá, a *Festa* alentas e acarinhas.  
*Os Velhos*, por amor e eterna gratidão,  
*Hão-de lembrar teu nome a cada geração*!

\*

Damas deste *Solar da Pátria* — Guimarães,  
Esposas por amor, filhas, noivas ou mães,  
Pra vós que o puro afecto entronizais no peito  
Eu sou o porta-voz do mais alto respeito!

\*

O' Mestres que velais pla nossa inteligência,  
E a todos ministrais o nectar da *Ciência*,  
Tereis que perdoar à pobre *rapaziada*  
O ruído folgazão da *festa endiabrada*!...  
Que o bom *S. Nicolau* afague nossa espr'ança!  
*A alma do estudante é um sonho de creança*!

\*

Afonso, o Grande Herói, de porte altivo e belo,  
Em vista de haver *prós e contras*... ao Toural  
*Terá que não voltar*... e, ali, junto ao Castelo,  
*Pra sempre ficará, como senhor feudal*!...  
E, como Sipião, colosso entre os colossos...  
Dirá: *ó Pátria, não possuirás meus ossos*!...

\*

Guilherme, o Monge-Ermita, austero e sonhador,  
Teu *íncola* primeiro e humilde precursor,  
Penha de *devoção*, de *sonho* e de *magia*,  
(Quem o pensou jamais? Quem o jamais diria?)  
De cógula e burel, cingido de estamemha,  
Pra sempre viverá no teu granito, *ó Penha*!  
A. L. de *Carvalho*, a tua linda ideia  
E' sonho por que a *urbe* ardentemente anseia!

\*

De jalèquinha à *sport*, trincheiras de *zambrene*,  
*Pipís*, que a minha fúria insana vos condene!...  
Vós, que dansais no arame ou numa corda bamba,  
O *Bolero*, o *Baião*, o *Swing*, a *Raspa*, o *Samba*,  
Aqui não tem entrada o vosso pedantismo...  
*A Festa é feita só de São Nicolinismo*!...

\*

No Largo do Toural, a *Fonte Luminosa*,  
A' luz dos projector's, gentil e vaporosa...  
Obra de gram fulgor do *Génio Gualteriano*,  
Em jornas de labor, ao sol de agosto, insano...  
Justa em *cimento armado* e feita de *linhagem*,  
Jamais resistiria ao sopro de uma aragem  
Da brisa matinal... e, assim, de madrugada,  
*Ruiu... caiu... ficou em pó... e cinza... e nada*...  
E tal qual *ave implume* ou *rapazinho imberbe*,  
*Teve a sorte infeliz das Rosas de Malherbe*!  
Mas respeitou da *Festa* os dias d'esplendor!...  
E, se não fora assim, seria bem pior!...

\*

O' *Bairro da Seara*, em sonhos encantado,  
Quisera ver o teu *encanto aniquilado*!...  
Recebe, por favor, como esperança bela,  
*Noventa e tantos lar's* e a crise se debela...  
Tu és *airoso e lindo* e tantos, *só por mal*,  
Chamam-te *um nome feio*... a terminar em *al*...  
Abre, de par em par, as *portas luminosas*  
E os *vastos janelões*, a reflorir de rosas...  
Noites passadas mal... de insónias e vigília,  
Sem ti não se resolve o *Abono de Família*!

\*

O' Festas da Cidade, ó *Marcha Gualteriana*,  
Vós sois poemas de amor a transcender alturas  
E tudo o que se faz aí pela *chicana*  
São de vossos perfís *tristes caricaturas*!  
Rapazes do Comércio, ó *velha Associação*,  
E's fulcro de *Bairrismo*, em timbre... e devoção...

\*

Amigos, dou-vos hoja, à guisa de notícia,  
O modo de fazer da vida, *uma delícia*:  
Um *sábio original*, de *caco privilegiado*,  
Que toda a vida foi um *teso um depenado*...  
De tanto pesquisar, em permanente espreita...  
O processo inventou de andar de *costa d'reita*!  
E concebeu, então, em prol da *humanidade*,  
*A Cadeia Feliz da Solidariedade*!  
E há tanto *parvalhão*, de pelintrice cheio,  
A' porta, impaciente, à espera do correio!...  
*Amigos atentai! Pra vos desenganar*,  
*Essa cantiga deu já quanto tinha a dar*!...

\*

Rugindo em tempestade e trevas, furibundo,  
Quer um mar de paixões avassalar o Mundo!  
Soldados aos milhões, *atómica bombarda*,  
*Aviões de propulsão por jacto*, armas em barda...  
*Radar*, *televisão*, *os discos voadores*  
E ainda muitos mais fatídicos horrores,

A' voz de Satanaz, *Pacífico e Nevada*  
Teu fado maldirão em tom de gargalhada!  
Bendito sejas tu, sossego de outras eras!...  
*O' Mundo, dize lá que bem de tudo esperas?...*

\*

*Virtuosos de Orfeu, por dom, por excelência,*  
Atenção, por favor, ao *gesto da regência!*  
*Orquestra de trovões, do bombo ao som desperta,*  
Coloque cada um o seu ouvido alerta,  
Fitando, sem cessar, a sua *partitura...*  
E, enquanto a pel' resiste, esteja mole ou dura,  
*Vivace, andante, presto, allegro e maestoso,*  
Siga o cortejo ovante, ativo e donairoso...  
*E fortes para a luta, audazes como atletas,*  
*Brandi, de novo e sempre, as fortes maçanelas!*

Nicolinas de 1951.

MENDES SIMÕES.

*LAUS DEO NICHOLAOQUE  
SANCTO EPÍSCOPO!*

**VISADO PELA CENSURA.**

Tip. IDEAL — Guimarães. 1000 ex.